

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA



Pense melhor antes de pensar

Renata Dembogurski



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Arminio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Preparação e Revisão de Texto | Fernanda Scopel Falcão
Projeto Gráfico | Gabriel Lança Morozeski, Pedro Godoy
Diagramação | Pedro Godoy
Capa e Ilustração de Capa | Gabriel Lança Morozeski

II Prêmio Ufes de Literatura 2013-2014

Comissão Organizadora | Fernanda Scopel Falcão, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora das categorias Livro de poemas e Coletânea de poemas | Lucas dos Passos, Marcelo Paiva de Souza, Marcus Vinicius de Freitas, Paulo Roberto Sodré

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M149p Machado, Renata Regina Dembogurski, 1974-
Pense melhor antes de pensar [recurso eletrônico] / Renata Dembogurski. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2015.
54 p. - (Coleção II Prêmio Ufes de Literatura ; 4)

ISBN: 978-85-7772-295-2

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/?locale=pt_BR>

1. Literatura infanto-juvenil brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 087.5

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA

Pense melhor antes de pensar

Renata Dembogurski



EDUFES

VITÓRIA, 2015

Apresentação

Apresentação

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje extinta. As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Edufes com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, e de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades *Autor* e *Antologia*. As categorias autorais foram: Livro de poemas; Livro de contos e/ou crônicas; Livro de romance; e Livro de literatura infantil/infantojuvenil. Para a modalidade *Antologia*, as categorias Coletânea de poemas e Coletânea de contos e/ou crônicas.

Os vencedores foram selecionados entre os 223 candidatos que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por dezesseis especialistas divididos em quatro comissões. Entre os vinte e cinco vencedores do prêmio estão escritores do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Paraná e Santa Catarina.

Nesta edição, 6 livros são publicados, de acordo com cada modalidade/categoria: um livro de poemas autorais; um livro de contos & crônicas autorais; um romance autorais, um livro de literatura infantojuvenil autorais, além das coletâneas, que contemplaram, cada uma, os textos de dez autores premiados. Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

Premiados

Premiados

Modalidade Autor

Livro de poemas: *Com dias cantados*, de Israel Francisco do Rozário (ES)

Livro de contos e/ou crônicas: *Quando não somos mais*, de Vanessa de Oliveira Maranhã Coelho (SP)

Livro de romance: *A paz dos vagabundos*, de João Chagas Ligeiro Albani (ES)

Livro de literatura infantil/infanto-juvenil: *Pense melhor antes de pensar*, de Renata Regina Dembogurski Machado (PR).

Obs.: O escritor Vitor Bourguignon Vogas (ES) também teve o livro Irmãos de Leite selecionado nesta categoria, em que houve um empate técnico. No entanto, posteriormente, informou que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.

Modalidade Antologia

Coletânea de poemas:

“5 poemas quânticos precedidos por 7 estrofes pouco simples”, de Lino Machado (ES);

“ensaio para sair de casa”, de Carina de Lima Carvalho (SP);

“Não deixamos sementes”, de Rafael Luis Zen (SC);

“Antologia”, de Felipe Garcia de Medeiros (MA);

“Casca, cascos, caos”, de Marco Antonio Queiroz Silva (SP);

“Sem fôlego”; “Nouvelle vague”; “Bazar & memória”; “Festim do Jardim”, de Adriano Apocalypse de Almeida Cirino (MG);

“Baldio”, de Tauã Valle Pinheiro (PE)

Obs.: O escritor Tauã Valle Pinheiro informou, posteriormente, que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.)

“O espanto e o impulso”, de Carlos Nathan Sousa Soares (PI);
“Soja Santarém”; “Assalto ao Chile”, de Edvaldo Fernando Costa (Fernando Nicarágua) (SP);
“Todas as janelas da casa estão meio abertas”; “Num domingo nublado de outono”; “Dum poema escrito num apartamento qualquer”; “Janelas”; “Transitivo”; “Deixa a palavra escorregar”; “Deixa a palavra escorregar II”; “Dia sem luz/casa caiada”; “O Amor é poesia física”; “Ímpeto madrugal (poupa de fruta de um coração por comer)”, de José Vander Vieira do Nascimento (ES).

Coletânea de contos e/ou crônicas:

Cabeceira do aventureiro - Mauro Leite Teixeira (ES);
Vestígios - Marcelo Henrique Marques de Souza (RJ);
A árvore - Rafael Vieira da Cal (RJ);
Historinhas do cotidiano - Liana Rita Gonzáles (ES);
A grande pergunta e outras histórias - Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);
Os que veem profundo - Hugo Augusto Souza Estanislau (ES);
Quem ri por último, ri melhor; Touchè Du Thanathos; Cotidiano em três cenas; Lições - José Ronaldo Siqueira Mendes (RJ);
A partida - Jessica Barcellos Bastos (ES);
Anonimatos; Histórias daqui e dali - Miriam da Silva Cavalcanti (ES);
Solitudes - Eduardo Selga da Silva (ES).

Aproveitamos este espaço para mais uma vez agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, parabenizar os inscritos, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do II Prêmio Ufes de Literatura

Comissão

Comissão

Membros da **Comissão Organizadora**: Fernanda Scopel Falcão (Edufes), Orlando Lopes Albertino (PPGL/Ufes), Ruth de Cássia dos Reis (Supecc), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de poemas e Coletânea de poemas***: Lucas dos Passos (Ifes), Marcelo Paiva de Souza (UFPR), Marcus Vinicius de Freitas (UFMG), Paulo Roberto Sodré (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de contos e/ou crônicas e Coletânea de contos e/ou crônicas***: Anne de Souza Ventura (Universidade do Minho - Portugal), Mara Coradello (escritora), Renata Bomfim (AFESL), Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de romance***: Camila David Dalvi (Ifes), Luís Eustáquio Soares (Ufes), Nelson Martinelli Filho (escritor), Saulo Ribeiro (editor e escritor)

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de literatura infantil/infanto-juvenil***: Adriana Falqueto Lemos (escritora), Andreia Delmaschio (Ifes), Karina de Rezende Tavares Fleury (AFESL), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Sumário

Sumário

11		Capítulo 1
17		Capítulo 2
23		Capítulo 3
27		Capítulo 4
31		Capítulo 5
35		Capítulo 6
39		Capítulo 7
41		Capítulo 8
43		Capítulo 9
45		Capítulo 10
49		Capítulo 11

Capítulo 1

Capítulo 1

O zunido tinha se suavizado. A tonteira também. Aquela velha sensação de “onde estou?” não! Mas tudo bem! Zuwi já tinha começado a se acostumar com ela. Era até divertida. Era como devia se sentir uma mosca que, sem querer, entra em um avião no verão do Brasil e, depois de horas de viagem, sai no frio da Europa. Muito doido afinal não saber exatamente para onde se está indo nem com o que precisamente se vai deparar. Independente disso, é divertido.

Zuwi tinha esse espírito aventureiro-explorador-desbravador, gostava de desafios. Mas, como todo garoto, às vezes batia uma preguiça. Ainda mais que essas aventuras exigiam estudo. É, porque Virkadaz não é simples de ser desmitificada, exige dedicação, treino e muita leitura. Tem diversos segredinhos para que as coisas deem certo. Por isso, Llinky – seu enigmático instrutor nas artes de evoluar, plixar, etc. – fazia-se muito exigente com seus alunos. Era exatamente por isso que Zuwi estava, nesse momento, nesse plix.

Um parêntese aqui: como diria um certo livro, plix são “domínios dilatados da realidade apresentada”, ou seja, plix é uma das muitas camadas do nosso imenso universo composto por infinitos plix diferentes. Não esse universo que todos conhecem, mas o maior e mais complexo, que é chamado de Virkadaz. Esse lado misterioso do universo não é para qualquer um, não. Somente orbículas ou visionários podem partir da Index – onde todos vivem – para os demais plix. E isso se chama plixar e também evoluar. Fim do parêntese.

– Wow, muito alucinante! – enfim disse Zuwi, depois de chacoalhar a cabeça para colocar-se presente no novo plix. – Cadê a Anne? – afinal percebendo que estava sozinho.

Sua companheira nessa tarefa, Anne, estava junto dele nas atividades do dia. Llinky tinha passado um difícil desafio que iria exigir muito dos dois, segundo contou em sua longa e morosa ex-

plicação. De cara, Zuwi não entendeu o tal desafio ao ver o plix. Pelo contrário, surpreendeu-se com a beleza, tranquilidade e... infinidade de maluquices do tal lugar.

– Muito louco! – exclamou Zuwi, olhando e notando tudo ao seu redor.

O que Zuwi via era algo surreal. E olha que tinha visitado muitos plix exóticos nesses últimos tempos. Mas esse era diferente! Tinha animais extraordinários, objetos surpreendentes, paisagens impensadas... só que, ao mesmo tempo, familiares.

Isso porque havia florestas pelo caminho, contudo as árvores eram de gelatina e o solo de maria-mole! A aparência não era falsa para quem visse de longe, como que gelatina em forma de árvore. Tudo era incrivelmente misturado na composição para que continuasse natural e enganasse os olhos.

Da mesma forma eram as lindas montanhas. Maravilhosamente formadas de pedras preciosas no lugar de rochas e que tinham grandes oceanos azul-turquesa e praias brancas no seu pico! Isso mesmo! Ao alcançar o cume, o céu realmente se unia ao oceano de forma surpreendente.

– Oceanos no topo de montanha!? – exclamou ele animadamente, já se imaginando escalando.

E os bichos então? Eram a soma de vários que os deixavam ainda mais belos.

– Puxa! Queria que todo o pessoal visse esse pássaro! – soltou Zuwi, acompanhando algo suave no ar com asas de arara, ca-beça de pica-pau-rei e cauda de pavão.

Zuwi abandonou debaixo da sombra da linda macieira de bolos – obviamente de sabor maçã e em formato de maçã – as diversas admirações que, a todo instante, surgiam, para se concentrar em encontrar Anne e cumprir a missão dada por Llinky. Mesmo assim, não deixou de ficar loucamente faminto ao sentir o cheiri-

nho apetitoso dos bolos, que não se atreveu a comer. Vai saber se realmente eram comestíveis?

Percorreu com mais pressa a instável estradinha de maria-mole. E, incrivelmente, aos poucos, ela foi se transformando em uma esteira rolante ladeada por um gramado elástico, o que acelerou a chegada dele em uma vila visivelmente amistosa.

– Que show esse lugar! – disse Zuwi enquanto a esteira diminuía o ritmo ao se aproximar da entrada do lugarejo.

Zuwi imediatamente notou que a alegria envolvia todos do povoado. Os moradores trabalhavam sorridentes, cumprimentando-se euforicamente. E logo a cabeça de Zuwi já começava a ficar contagiada por essa atmosfera de bom humor, sem, é claro, interromper a tormenta de deslumbramento que guiava seus movimentos. Até se sentou em um banco de praça para deliciosamente curtir a sensação. Sentiu a brisa nos seus cabelos loiro-escuros e se surpreendeu ao perceber que estava tocando justamente a música que ele pensava ser a melhor para a situação. Então, identificou que o som saía exatamente do banco em que estava sentado! E, mais que isso: sempre que suas emoções mudavam, o assento emitia sons que combinavam com seus pensamentos!

– É um teclado-caixa-de-som-banco-de-praça! – exclamou Zuwi para si.

– Ei, você! – chamou alguém do outro lado da ruela.

Sem se desprender da surpresa do banco que lia pensamentos, Zuwi virou o rosto na direção da voz. Era um garoto, um pouco mais velho do que ele, mais robusto e com um largo sorriso pendurado entre as grandes orelhas, que parou o que estava fazendo e veio ao encontro de Zuwi.

– Oi, amigo! Você chegou agora, não foi? – disparou, continuando a aproximação. – Bem que eu vi a sua cara! Fique tranquilo, logo vai entender como tudo funciona. Eu sou Cao!

– Zuwi – respondeu no automático, ainda estupefato com tantas coisas admiráveis acontecendo ao mesmo tempo.

– Venha! – convidou Cao animadamente. – Vou te apresentar a todos!

Cao foi andando para iniciar a visita. Contudo Zuwi ainda permaneceu parado, admirado e um tanto confuso.

– O que foi? Vamos lá?! – questionou Cao, exibindo grande disposição.

– É que... tenho uma... missão por aqui. Na real... preciso encontrar uma... pessoa primeiro – disparou Zuwi entrecortando a fala com monossílabos soltos e sem sentido.

– Ok. Então está legal! Mas você fala sempre assim? – brincou Cao para tentar deixar o novo amigo mais no clima do vilarejo.

Zuwi respirou fundo para fazer com que o oxigênio melhorasse a desenvoltura. Tentou tirar a possível cara de bobo que usava desde que chegou ao plix. Levantou-se com um ritmo menos letárgico e finalmente seguiu Cao.

– Cara, que tal você me dar uma mão? Me ajuda a encontrar uma amiga que veio comigo? – convidou Zuwi, sabendo que, com tanta disposição, com certeza ouviria um sim.

– Claro, então fala aí!

Dito e feito! Cao tirou da bolsa, que carregava atravessada no ombro, um guarda-chuva. Acomodou-o no chão da praça e aguardou olhando para ele.

Não demorou muito, do objeto começaram a brotar pernas de madeira a partir do cabo. Elas cresceram e se ramificaram para formar o assento e o encosto de uma cadeira. Em um susto, o guarda-chuva, que agora estava acima da cabeça dos meninos, se abriu. Então, de repente, lá estava uma cadeira com sua própria sombra.

– Uau! Como você fez isso? Pode começar a contar! – disse Zuwi com muita empolgação.

– O quê? A cadeira-guarda-chuva? Não tem segredo, não! É só...

– Cao! Cao! Cao! O que está fazendo aqui? – gritou um senhor não muito contente como os demais vistos até o momento. – Ainda não é sua hora de almoço! Você não pode largar as fronteiras dessa maneira, moleque!

– Opa, opa... Respira, controle-se, vovô! Sabe o que pode acontecer se ficar nervoso desse jeito! – falou calmamente Cao. – Pode deixar que estou a caminho, só vim pegar alguns brums-objetos para deixar a minha bolsa sempre preparada. – Deu uns tapinhas na bagagem que tinha a tiracolo. – É que encontrei um visitante aqui: Zuwi.

O velho mediu Zuwi fechando um olho bem apertado e arregalando o outro. A cara permanecia amarrada e o silêncio atou o desconforto da situação.

– Desculpe-me, senhor. Fui eu que... – disse Zuwi antes de ser interrompido pelo giro emburrado do idoso, que o deixou falando para o ar.

– Não liga, não! Ele já viveu muito tempo do outro lado. Foi resgatado pelo meu pai. E, se não tomar cuidado, infelizmente logo virão buscar ele novamente! – contou Cao nitidamente lamentando a atitude do parente.

– Outro lado? Que outro lado? – perguntou Zuwi interessado na novidade.

– Venha que eu te mostro – convidou Cao, apontando uma viela estreita da qual não se via o final. – Aproveito para voltar para o meu posto.

Capítulo 2

Capítulo 2

Uma longa e encrespada subida deixou Zuwi verdadeiramente sem ar. As pedras da montanha eram enormes e, pela primeira vez, a beleza não era ingrediente na mistura entre os elementos que via. À medida que se afastavam da vila, tudo ficava mais cinzento, bruto e sem capricho. Nada parecido com o que Zuwi tinha visto lá na chegada do plix.

Acima de suas cabeças, o alucinante céu de outrora passava a mostrar o seu lado rompante, com pesadas nuvens escuras, quase negras. A brisa tranquila passou para vento forte, agitado e muito inquieto. Muitas vezes, varria de tal forma e com tal força que os obrigava a fechar os olhos.

– Sem querer ser chato, mas vamos subir muito ainda? Que lugar é esse? – falou Zuwi quase aos gritos para ser ouvido em meio à algazarra de um bando estranho de pássaros que lembravam um bizarro urubu-corvo-gigante.

– É, temos! – afirmou categoricamente para a primeira pergunta e continuou: – Aqui começa a fronteira do plix das Ilusões. Eu trabalho como “avistador” da muralha.

– Então é esse o nome desse lugar!?! Só que ainda não entendi esse lance de fronteira e muralha! – gritou Zuwi praticamente vendo as palavras deixarem sua boca seguindo o vendaval. Obviamente, Cao não o ouviu.

Os dois ainda levaram intermináveis minutos para enfim avistar a edificação que se instalava no ponto mais alto do pico plano. E, como confirmação do que Zuwi percebera ainda lá embaixo, essa montanha não tinha um maravilhoso mar azul-turquesa no alto. Mesmo assim, Zuwi escancarou o queixo ao enxergar o panorama de 360 graus do lugar.

De um lado, a imensidão bela e colorida das terras da amistosa vila e suas incríveis coisas surpreendentemente magníficas. E que, como ele já havia percebido, iam perdendo suas características entusiasmadas e espantosas conforme se aproximavam da inclinada cordilheira que acabara de subir.

Então, girando um pouco o corpo para o lado direito, viu um imponente forte de pedras esverdeadas guarnecido com ponteiros espinhosos nada convidativas. E, lá no seu alto, podiam-se perceber vários homens circulando pelos mirantes protegidos.

Contudo o mais estarrecedor estava do outro lado da montanha. O assombro era inevitável. Diversas teorias surgiram na mente de Zuwi ao avistar aquilo. Mas nada podia explicar exatamente do que se tratava.

Havia, descendo a encosta pelo lado oposto ao que tinham subido, um caudaloso rio largo que brigava furiosamente com as pedras que barravam suas águas. A violência assustava. Ainda mais pelo ruído, quase um rugido, causado pelo estrondoso encontro. Mas não parava por aí.

Do outro lado de sua margem, na direção oposta a Zuwi, estava um monstruoso vale que se estendia em vermelho, cinza, preto e marrom. O breu estava presente em várias partes, ocultando o impenetrável meandro avistado. Ainda assim, notava-se que, no solo argiloso, parte pântano, rasgavam explosões fétidas. Não havia céu. Ou, se havia, era todo escuro. E, da mesma forma que ocorria do lado de cá do plix, as coisas iam ficando diferentes à medida que se distanciavam da fronteira. E, dessa vez, tudo ficava ainda pior. O horizonte se perdia em uma densa fuligem cinza-escura.

– O que é isso aí? – perguntou Zuwi, cutucando o braço de Cao sem tirar os olhos assustados da insólita paisagem.

– É o outro lado da fronteira do plix – respondeu Cao casualmente.

– Isso é outro plix, afinal? – questionou novamente, insatisfeito com a resposta anterior.

– Não, é que a gente é dividido! – complementou sem grandes explicações.

– Mas, mas como assim? O que há aqui? Por que essa divisão? – disparou Zuwi, boquiaberto com o fluído efervescente que espirrava a cada erupção do solo.

– Certo, venha! Vamos entrar. Lá dentro te explico o que sei – convidou Cao, colocando sua mão nas costas de Zuwi e o conduzindo para o esteio que beirava o abismo e levava ao forte.

A paisagem cruel e dissonante agia como um imã que atraía os olhos de Zuwi. No percurso até a gigantesca porta que vedava a entrada da edificação, Zuwi imaginava se era essa a missão que Llinky havia determinado. Até então, não tinha entendido o grande desafio que seu mestre tinha tramado. E, agora, vendo o outro lado do plix, um grande arrepio percorreu Zuwi como um agouro inevitável confirmando seus pensamentos sobre onde Anne poderia estar.

Cao levou Zuwi por um labirinto de pedra, que evidenciava a dificuldade em penetrar no local. Entre direitas, esquerdas e tantas voltas, Zuwi não conseguiu memorizar o trajeto correto. Ainda mais pelos sustos que levava após constatar que, do outro lado do pesado muro, no caminho que poderia ter escolhido, havia animais ferozes que farejavam ruidosamente os passos dos dois e avançavam vigorosamente, chocando-se nas paredes. A vibração fazia tremerem as estruturas do labirinto e a coragem de Zuwi.

Finalmente, chegaram à parte mais alta da montanha, a torre de acesso. Imensas árvores encobriam a visão do alto com suas folhas escuras pegajosas que se mexiam independentemente de vento. Eram na verdade sanguessugas ávidas por uma refeição.

– Uia! Credo! Isso é o que estou pensando? Para que tudo isso? – espantou-se Zuwi, apressando o passo debaixo da copa inóspita.

– Para nos proteger dos beligerantes oclusos do outro lado! Essas sanguessugas impedem que eles penetrem nessa área pelo ar. É assim que funciona por aqui. Não há paz... Logo você irá entender – concluiu Cao, aproximando-se do mirante protegido que permitia a observação das terras inimigas do plix.

– Então é uma guerra? – interessou-se Zuwi.

– Em termos, sim. – Cao suspirou desgostosamente, soltou os braços que aparentavam ter maior peso do que realmente tinham e largou-se em uma banquetta que ficava ao lado de um telescópio. – Bem, a guerra que existe é entre os pensamentos ideais e os pensamentos sombrios. É isso que constrói cada lado do plix. Tudo que você viu é a combinação entre os semelhantes. Esse plix se recria e

se mantém pela materialização do que vai à mente dos habitantes. Mas os separa de acordo com o tipo de pensamento para preservar o equilíbrio. Então, quem tende para os pensamentos ideais fica desse lado, e os outros, de pensamentos sombrios, daquele – finalizou Cao, já de pé, olhando pelo telescópio.

Zuwi aproximou-se do novo amigo e o imitou: observou os detalhes do lado sombrio pelo telescópio. Envolto em devaneios, imaginou a rotina daqueles que habitavam aquele lugar. Varreu o panorama aproximado para identificar do que então era composto. Se, afinal, lá na vila tinha visto alegria e beleza em toda parte, o que notava pelas lentes era o oposto: plantas estranhas, desolação e animais medonhos. Como o tubarão-escorpião que avistou nadando pelo rio que separava os plixs.

– Ah! Então, foi por isso que chamou a atenção do seu avô!? Ele começou a ficar alterado, deixando de ter pensamentos ideais! – disse Zuwi, começando a entender o funcionamento das coisas.

– Exatamente! – confirmou Cao. – E se ele continuasse a evoluir para esse nível, logo os beligerantes oclusos o capturariam.

– Como assim?

– Não é fácil ter somente o mesmo tipo de ideias. Uma hora ou outra, a gente acaba pensando algo sombrio. Por isso todos policiam uns aos outros: para evitar que a gente acabe do outro lado, entende?! – Cao notou que Zuwi esperava mais informações, então prosseguiu: – Daí, se a frequência fica alterada por muito tempo, os beligerantes oclusos rastreiam e apanham a pessoa. Levam os prisioneiros para o lado obscuro, os deixam nas cúpulas de desesperanças até se extinguir toda e qualquer fagulha de pensamentos ideais...

– E depois?

– Depois... – Cao tentou dissimular a imagem que vinha em sua mente, virou o rosto para o outro lado, mas Zuwi notou o entristecer.

– Cao, parece que não é nada bom o que acontece depois, não é?

– Verdade... – Novamente Cao remexeu-se para se desvencilhar do que sentia. – Quem fica por lá muito tempo vira um tipo de zumbi de tamanha desmotivação. E enfim se torna um beligerante ocluso.

– Puxa... – exclamou Zuwi, analisando o contado. – Mas não é só voltar a emitir pensamentos ideais para vir para cá novamente?

– Infelizmente, não. Isso não funciona, pois teriam que ser resgatados por nós. E desse lado não temos uma equipe apta de captura como eles têm.

– Por que não? – perguntou prontamente Zuwi.

– Analise: se algum de nós pensar em vingança ou luta, estaríamos criando pensamentos sombrios e, portanto, poderíamos ser capturados também. É muito arriscado! – explicou Cao como que se entregando à mágoa que sentia.

De repente, o coração de Zuwi disparou. A fala ficou vagando no vazio das palavras que emperraram na garganta com o susto. Enfim, Zuwi compreendeu o que poderia ter acontecido a Anne.

– Cao, por um acaso você viu uma garota de cabelo curto e jaqueta prata por aí? – questionou Zuwi quase que desesperado, ansiando por não estar certo sobre o que imaginava.

– Ah não! Vai dizer que essa é a descrição da pessoa que você está procurando? – disse Cao com a voz já pronunciando a afirmação que Zuwi não queria ter.

– Você a viu lá, então?! – confirmou Zuwi sua própria suposição e deixando-se abater completamente por ela.

– Zuwi, eu lamento... – tentou consolar Cao.

Capítulo 3

Capítulo 3

– Voltar juntos? Era essa a missão que tinham que cumprir aqui? – indagou Cao com tanto espanto quanto se escutasse alguém dizer que conhecia todos os infinitos plixs que existem. – Esse seu professor é louco de mandar vocês dois para cá sem explicar como funcionam as coisas por aqui! Fala sério! Ele só pode estar querendo acabar com vocês!

– Pois então. Eu mesmo, várias vezes, fico bem desconfiado dessas atitudes dele – concordou Zuwi ainda sem saber o que fazer diante da situação.

– Não tem como você voltar com ela! Já era! – decretou Cao com firmeza. – Eu vi quando sua amiga, Anne, foi capturada por um beligerante ocluso. Eu estava no meu posto avistando a movimentação por lá. Vi quando um deles levantou voo com aqueles abutres-crocodilos e tentou atravessar a fronteira – descreveu Cao mostrando os detalhes para reforçar a impossibilidade de Zuwi concluir o solicitado por Llinky. – A gente por aqui tentou todos os brums-objetos disponíveis para impedir a aproximação. Mas, como te disse, não podemos ter muito afínco no propósito de destruí-los, pois senão acabamos virando o alvo deles. É assim, por mais que aqui no forte tenha certa proteção, não podemos bobear. Nunca se sabe quando eles inventarão algo para ter acesso.

– Não pode ser! Coitada da Anne! Humm... Me explica de novo esse negócio de brums-objetos, vai! Quem sabe exista alguma solução! – pediu Zuwi ainda inconformado com o desfecho pintado até o momento.

– Certo, Zuwi, mas tira da cabeça que seja possível resgatá-la, ok?! – Cao mirou os olhos castanhos do amigo quase em súplica. – Veja... Tudo o que a gente pensa aqui se materializa. Não de forma concreta propriamente dita. Mas como uma holografia um tanto sólida. Não é mágica, nada disso! A gente chama de solidificação funcional. É mais fácil fazer algo se tornar semimatéria a partir

de outra coisa. Então, por isso a gente carrega os brums-objetos. Qualquer coisa que pode servir como base para alguma necessidade. Entende?

– Como o seu guarda-chuva? – exemplificou Zuwi para fechar o raciocínio.

– Exato! Mas não é simples manipular para que se transforme conforme imaginado. Exige muita concentração. Porque se no meio do caminho da mutação você pensar em outra coisa... estraga tudo. – Cao fez uma pausa para perceber se Zuwi tinha compreendido os detalhes e prosseguiu: – Então, aqui na fronteira, nós, os avistadores, temos que pensar em algo para tentar bloquear o acesso dos beligerantes oclusos a este lado do plix. E é com os brums-objetos que inventamos.

– Pelo jeito não dá muito certo! – lamentou Zuwi recordando o caso de Anne.

– Verdade, nem sempre. Mas juro que tentamos fazer de tudo por sua amiga!

Zuwi permaneceu pensativo por vários minutos, enquanto Cao mantinha-se no seu posto observando.

– Você quer ver onde ela está? – disse Cao, temendo a reação de Zuwi.

– Você está vendo ela aí?! – Zuwi levantou de um salto só e correu em direção ao telescópio. – Quero ver!

Cao ajustou o equipamento, apontou para o lado das cúpulas de desesperança e focou na garota de jaqueta prata.

– Táí! – E passou a vez para Zuwi.

Novamente, Zuwi ficou um longo tempo sem esboçar movimentos, só olhando pelo orifício apertado da lente. Via claramente Anne em uma espécie de bolha enfumaçada. Ela estava apática, jogada numa das laterais. Parecia quase desmaiada. Só mexia os braços como que espantando mosquitos.

– *Por que ela está se abanando?* – perguntou Zuwi a Cao.

– *São os pensamentos sombrios de desesperança que estão inserindo na mente dela. Eles soam incômodos no início. É sinal que ela está resistindo* – contou Cao.

– *Ninguém nunca conseguiu fugir? Tem que ter alguma saída!* – indignou-se Zuwi, rodopiando em seus calcanhares e buscando resposta no semblante de Cao.

Dessa vez, foi Cao que mergulhou dentro de si.

– *Ah, cara! O que acontece!?! Você está escondendo algo! Conta aí!* – implorou Zuwi apesar de notar que o assunto incomodava o novo amigo.

Falar sobre isso não era fácil para Cao. Envolveria lembranças que ele não gostava de recordar. Na vila, ele não era o único que tinha um parente ou conhecido capturado pelos beligerantes oclusos, mas era o único que tinha alguém que tentou resgatar um prisioneiro do outro lado.

– *Meu pai...* – começou Cao a contar – *consegui tirar meu avô de lá* – enfim confessou ele.

– *Puxa, incrível! Vamos falar com ele para me ajudar a fazer o mesmo com Anne!* – festejou Zuwi ao saber da possibilidade.

Contudo, logo que percebeu que Cao não reagiu da mesma forma, interrompeu a animação e aguardou o restante da história.

– *Zuwi, meu pai libertou meu avô. Enfrentou tudo. Não sei nem como o trouxe até aqui a fronteira. Mas foi capturado antes de entrar no labirinto* – concluiu Cao com uma fina camada brilhosa nos olhos. *Disfarçou a lágrima virando o rosto e ordenando:*

– *Bem, é isso! Hora de ir embora! Meu turno acabou. Vou para casa! Você é meu convidado, durma lá em casa, ok!* – disse Cao enquanto saía do mirante, seguindo pela porta que levava às horrorosas árvores-sanguessugas.

Capítulo 4

Capítulo 4

Até que foi bem providencial Zuwi não conseguir ter dormido a noite. Por conta disso, tinha tido tempo para planejar uma estratégia de resgate de Anne. Não que tenha chegado a algum plano infalível, mas pelo menos havia descartado as ideias que com certeza não dariam certo.

Outra vantagem da insônia foi estar acordado para ver o magnífico nascer do sol no plix das Ilusões. O sol era o sol mesmo, igual ao da Index, em compensação o céu... O efeito furta-cor mesclado aos raios rosados rasgando o azulado noturno foi demais! O mais perto disso que se tem na Index é a aurora boreal, ainda assim pode-se dizer que no plix é elevado a 1000!

Além de tudo isso, estar bem cedo acordado deu ânimo para começar imediatamente os treinos da tal solidificação funcional. Por mais que Zuwi tentasse transformar os objetos, eles permaneciam alheios às vontades dele. Toda concentração foi reunida para realizar a tarefa, mas nada.

Zuwi estava no jardim da simples casa de Cao. A janta foi ótima! Pôde saborear as desejadas maçãs-bolos finalmente. A cama ajeitada na sala estava bastante confortável, mas os alfinetes da ansiedade não permitiram o corpo e a mente de Zuwi descansar. Por isso preferiu analisar todas as informações que tinha e tudo o que havia visto durante o dia para criar um plano. Porque, claro, jamais iria deixar Anne lá. De jeito nenhum. Bem que ele podia voltar para a Index sozinho e não cumprir a missão de Llinky, mas, a essas alturas, a tarefa era a parte mais óbvia da aventura. O problema é que Anne teria que ser resgatada!

Sentado em uma espécie de árvore-poltrona-fast-food, Zuwi mirava fixamente em suas mãos uma das delícias que a tal árvore oferecia em seus galhos. O hambúrguer já estava até meio desman-telando com as diversas tentativas frustradas de manipulação.

Só faziam parte do silêncio da manhã os estranhos tinidos dos pássaros exóticos do lugar. Vez ou outra, chegavam a assustar Zuwi com farfalhares intensos de asas. Afinal, ele ainda não conhecia o abutre-crocodilo dos beligerantes oclusos. Imagina só ser pego desprevenido por um bicho desses! Assim, a cada pouco, um frio na barriga fazia Zuwi perder a necessária concentração no exercício.

Absorto na meta da transformação, Zuwi não notou que alguém o observava atrás da cerca, literalmente, viva, e que, sorrateiro, aproximou-se sem fazer qualquer ruído. Chegou tão perto de Zuwi que já sentia o aroma do sanduíche de atum que agora ele tentava modificar. E Zuwi não tinha notado nada.

De repente, como que por intuição, Zuwi ergueu a cabeça e olhou para os lados analisando o jardim de flores-livros, que ainda não tinham despertado suas páginas. Ficou quieto, tentando ver algum movimento por certos minutos. Como tudo permaneceu conforme acreditava ser o normal por lá, voltou à tarefa. Foi nesse instante...

– Agora está preso! – Uma forte gargalhada fez vários animais saírem correndo.

Zuwi se debateu em reação imediata, usou movimentos marciais para tentar escapar, mas foi pego pelas costas. Nem conseguia ver o que ou quem o tinha capturado. Ainda em meio à euforia, ouviu:

– Calma, Zuwi! Brincadeira! Sou eu! – gritou Cao, rindo para valer.

A coisa que tinha segurado os braços de Zuwi afrouxou o aperto e ele pode virar para ver o que era: uma simpática cobra-mangueira-de-jardim saiu serpenteando pelo gramado após Cao dar ordens para molhar a horta.

– Poxa, que susto! Pensei que fossem os beligerantes oclusos! – anunciou Zuwi assim que a tensão passou, mas Cao atacou novamente:

– O que você está fazendo aqui tão cedo? – inquiriu Cao, sem dar tempo de Zuwi pensar em algo plausível diferente de:

– É... É... Treinando... Transformação. – Novamente a fala saiu cheia de monossílabos truncados.

– *Hahahahhahahah! Esse seu jeito de responder é engraçado!* – riu Cao. – *Você realmente fala sempre assim! Os sons ficam muito divertidos.*

Zuwi ficou mais sem graça pelo fato de ter sido pego de surpresa do que pela pegação de Cao. Contudo o amigo se sentou ao lado dele e foi dizendo:

– *Imagino que não deve ter sido fácil pegar no sono* – disse Cao acertando na mosca.

– *Nem dormi.*

– *E o que ficou fazendo a noite toda, cara?*

– *Imaginando como salvar Anne.*

– *Esquece isso! Já disse que não tem como! Beleza!?* – falou Cao de um jeito tão veemente que fez Zuwi mudar totalmente sua estratégia do dia, pelo menos a abordagem imaginada.

Zuwi se levantou, andou até o pobre sanduíche que tinha jogado longe durante a luta e, segurando-o, perguntou:

– *Cao, me ensina esse negócio de manipulação?*

– *Ah! A solidificação funcional!?* – confirmou Cao, arremessando o pão no pátio onde as galinhas-leiteiras caçavam bichinhos. – *Primeiro, você não pode usar algo já transformado, tem que ser brum-objeto, quer dizer, uma coisa que ainda é original. Depois, você tem que ter certeza daquilo em que você quer que o objeto se transforme.*

– *Ok.*

– *Certeza de verdade! Acreditar com todas as suas células que é possível e realmente acontecerá. Planejar direitinho como irá acontecer. Leva um tempo, sabe? Pensar, pensar, pensar, pensar mesmo... Daí... Pronto! A solidificação funcional acontece.*

– *Hummm, engraçado* – apenas emitiu Zuwi, contradizendo a reação esperada por Cao.

– *O que foi?* – perguntou Cao estranhando a cara de Zuwi.

– Isso que você disse, foi um dos conselhos do Llinky. Ele falou “pense melhor antes de pensar!”.

– Faz sentido! Dessa vez ele foi sensato.

– Então me explica, porque ainda não entendi! – Zuwi remexeu-se para se encostar na cerca-muito-viva.

– Olha, se aqui tudo que se imagina pode de alguma forma ter consequências, é melhor pensar bem no que se irá pensar! Entende?

– Hã!?!

– Como eu te disse, tem que meditar sobre o assunto. Planejar e estudar, sabe? Não dá para sair falando e fazendo, sem analisar no que pode resultar. É bem arriscado isso por aqui.

De certa forma, foi o que Zuwi tinha feito durante a madrugada toda: pensado. Mesmo tendo mudado a estratégia para conseguir o apoio de Cao, viu que este não concordava em salvar Anne, por isso Zuwi tinha que prosseguir justamente pensando em um plano melhor para chegar lá. E sabia como:

– Cao, já que estou aqui neste plix, gostaria de saber um pouco mais sobre ele. Que tal se seu avô me contasse como é lá do outro lado? – propôs Zuwi, já tramando para completar seu plano.

– Pode ser. Quem sabe no café da manhã ele fale algo. Não é sempre que ele topa contar – alertou Cao antes de entrarem pela porta da cozinha da casa.

Capítulo 5

Capítulo 5

O velho Nuno, avô de Cao, não desamarrava a cara. Era inclusive surpreendente, aos olhos de Zuwi, ele permanecer nesse lado do plix. E bem provável que a linha de separação entre os pensamentos ideais e os sombrios em alguma hora seria ultrapassada.

– É a culpa – sussurrou Cao para Zuwi, justificando o ar ranzinza do avô. – Por isso falar do outro lado o incomoda.

– Vamos tentar – declarou Zuwi, sentando na cadeira da mesa posta. Logo puxou conversa: – Obrigado pela refeição, seu Nuno.

Em resposta, o senhor esboçou apenas o típico ar de “está bem”. Então Zuwi tentou de outra forma:

– Sabe, seu Nuno, ontem fui até o forte da fronteira com o Cao. – Deu uma garfada em alguma coisa não identificada preparada pelo senhor Nuno e, engolindo-a quase inteira, continuou: – Impressionante o outro lado!

Zuwi notou apenas que as sobrancelhas do idoso se mexeram como que dizendo “óbvio”. Mas Zuwi não se deu por vencido; estava determinado a saber detalhes do lado sombrio:

– Tenebroso, na verdade. O Cao me falou que esteve por lá. Como é que foi? – indo logo direto ao assunto.

Cao engoliu em seco e tentou remendar para suavizar a diretiva:

– É que Zuwi ficou bem impressionado, sabe, vovô?!

Para desespero de Cao, Zuwi continuou a falar, insistindo na meta de saber mais detalhes:

– Ainda mais que uma amiga minha foi capturada pelos beligerantes oclusos...

– E você quer salvá-la? – cortou o senhor com tão grande ímpeto que até parecia sarcasmo.

– Eu já tirei isso da cabeça dele, vovô. Bem que ele acordou com essa ideia, mas eu o convenci a deixar de lado.

Nuno mediu Zuwi para tentar ler o que realmente ia à cabeça dele. Fez a mesma expressão do dia anterior: apertou um olho e arregalou outro. Não falava nada. Só ouviam-se uns grunhidos baixos, como que uma conversa dentro da garganta do velho. Isso aumentou o impasse de Cao entre fingir que nada aconteceu e consertar a situação.

– É muito pior do que parece, garoto – finalmente contou Nuno para a felicidade de Zuwi. A voz estava carregada de desgosto e assombro. – A força mundana mutila o que você tem de bom. Aos poucos não sobra nada. São como vampiros com sede de medo, zumbis com fome de destruição, monstros movidos a ódio. Apenas têm a intenção de alimentar a única motivação deles: acabar com tudo que seja ideal. Já que eles não têm, ninguém mais pode ter. E, quando eles capturam alguém por aqui, é como se essa ambição deturpada avançasse realmente para além da fronteira sombria. – Nuno sorveu um pouco do líquido achocolatado que tinha na sua xícara com asas de verdade e a deixou pousar sozinha suavemente no pires para continuar ainda aparentando contragosto. – Imagino que queira saber como sua amiga está neste momento. Certo? – Pausa para novo gole. – Tudo o que ela tem dentro de si que possa ser sombrio é amplificado para tomar conta dela e expulsar qualquer fagulha que a motive a fugir de lá. Carinho, esperança, coragem, amizade irão sumir em breve. E sem elementos que a motivem a ser feliz, logo ela será mais um beligerante ocluso.

– Mas o senhor sobreviveu! E seu filho conseguiu salvá-lo – interrompeu Zuwi afoito para entender como tudo aconteceu.

– Verdade. Mas tanto eu quanto o Rui tínhamos treinado para isso, garoto. – Nuno enfim deixou as lembranças participarem

do café, colocou-as bem próximo do peito e as compartilhou com Zuwi. – Nas brincadeiras de domingo à tarde, a gente sempre dizia, em tom de “e se”, coisas como: “e se acontecer de um de nós ser pego”, “e se acontecer de precisar salvar”, “e se acontecer de enfrentar os beligerantes oclusos”... Para tudo, tínhamos pensado.

– Pensar melhor antes de pensar... – soltou suavemente as palavras Zuwi.

– Isso mesmo... – confirmou Nuno com sua voz dura e grave. – Até a forma de nos identificar em meio àquelas criaturas foi calculada. Veja. – Tirou do pescoço um colar prateado com um pássaro de longas asas. – Isto é o que imaginamos de nossos pensamentos: um pássaro que pode voar longe, sobrevoar alto, viajar por muitos horizontes e com garras fortes para levar o que for preciso! Cao também tem um. Para que, na hora do desespero, apesar das desfigurações causadas pelo lado sombrio, a gente saiba quem é quem.

– E então como eram os planos para cada hipótese que tinham pensado afinal? – perguntou sem demora Zuwi.

– Sempre soubemos que o maior problema seríamos nós mesmos. O que cada um tinha dentro da cachola. Isso era o limite do nosso céu, compreende? O básico do plano era: ter um pensamento sombrio para também ser capturado por um beligerante ocluso e ir ao resgate; criar solidificações funcionais que pudessem nos ajudar na fuga, para isso havia uma bolsa com vários brums-objetos de emergência; identificar um ao outro; e fugir com um abutre-crocodilo! Era esse o nosso plano!

– Maluco! – exclamou Zuwi eufórico.

– Maluco demais da conta! – completou Cao inconformado com o fato de o avô ter dado esperança a Zuwi na ideia de salvar Anne. – Nem pense em fazer uma dessas! Para começar, você e ela não têm nada arquitetado, não sabem manipular, são novatos neste plix, nunca enfrentaram esse tipo de perigo...

– Eu não tenho tanta certeza disso! Eu e Anne já passamos por coisa bem pior e nos safamos! – pontuou Zuwi para provar que ainda tinha chances de resgatar Anne.

– Mas você precisa de ajuda pelo menos para aprender a fazer a transformação dos objetos. – Cao arrastou a cadeira que estava sentado para se afastar da mesa e completou: – Eu não vou te ajudar nessa loucura! Não mesmo!

– Mas eu vou! – declarou Nuno para espanto geral.

– Mas é insano, é jogar Zuwi para o lado sombrio, vovô! Como ele vai fugir? – indagou apreensivo Cao.

– Temos ainda alguns dias para mostrar o que sabemos antes dessa garota sucumbir. Então vamos tentar – afirmou Nuno, junto ao primeiro sorriso que Zuwi viu no rosto dele até então. De fato, parecia que a compaixão mexeu com o íntimo do velho senhor.

Capítulo 6

Capítulo 6

O café da manhã foi bem forte para Zuwi. Deixou-o muito mais preparado do que qualquer refeição. Foi então que Zuwi percebeu que a esperança alimentada por Nuno é que fortaleceu e atiçou o ânimo. Pelo menos já sabia por onde começar: pensando melhor antes de pôr seus pensamentos em prática.

Cao seguiu para a fronteira, tinha que fazer os avistamentos diários do seu turno. Enquanto isso, Nuno viu em Zuwi a oportunidade de reviver os momentos com Rui e suavizar a culpa em ter falhado.

– Nesse jogo é tudo ou nada, garoto! – informou Nuno mostrando uma carranca feia durante as palavras. – E, dessa vez, não vou perder! A única forma de você resgatar sua amiga é pensar em ter consideração por ela, nunca em ódio contra os beligerantes oclusos ou vingança. Compreendeu? Vou começar fazendo de você o melhor manipulador de objetos que existe.

No decorrer do dia, Zuwi percebeu que seu Nuno era muito pior que Llinky. Se seu professor da Index era durão, Nuno era militar! Não havia pausa, descanso, paradinhas, sombra e água fresca.

– Não temos tempo! – gritava Nuno sempre que via Zuwi abatido pelo esforço. – Concentre-se! O que está pensando? Na coisa certa é que não é! – dizia fazendo trocadilhos.

Fazia tempo que Zuwi não sentia tanta dor de cabeça. O esforço mental era muito intenso. Parecia tão simples o que Cao tinha feito na praça. Assim tão facilmente o guarda-chuva se transformou na cadeira. Foi sacá-lo da bolsa, apoiar no chão, para então ele virar aquele incrível objeto. Simples assim.

Nada tinha de simples, na real. Porque o mais complicado é acreditar no que está pensando, ser determinado e não desistir. A dúvida e a insegurança tinham efeito degradante. Qualquer sombra de incerteza... minhuava a transformação.

Mas, já no meio da tarde, finalmente o processo tinha deslanchado. Zuwi finalmente estava conseguindo alguns progressos. E Nuno nitidamente ficou mais animado, afinal nunca alguém tinha aprendido tão rápido a fazer a materialização funcional. O que acrescentou novo brilho à determinação de ter sucesso na grande aventura que Zuwi iria viver em breve.

Ao final do dia, Zuwi e Nuno enumeravam estratégias de uso dos brums-objetos para neutralizar a ação dos beligerantes oclusos. Foi quando Zuwi fez a pergunta que mais queria saber:

– O que deu errado, seu Nuno? – lançou Zuwi e, em seguida, percebeu o efeito devastador que um pensamento pode acarretar em uma pessoa.

Imediatamente Nuno desfez a empolgação que surgira no decorrer da interação. Apesar de tentar inibir pensamentos sombrios, para evitar o pior, Nuno claramente deixou-se abater pela tragédia ainda presente. Mesmo assim, falou:

– Normalmente não falo sobre isso – declarou de forma seca e pouco amistosa. Então, depois de uma longa pausa permeada de incertezas, disse: – Mas vou te contar somente porque não quero que ocorra novamente.

Nuno experimentou o peso novamente do passado. De fato, sentia falta do filho e, mais ainda, a culpa por se achar o responsável pelo ocorrido. Caminhou pela sala de ferramentas onde estavam, manuseou uma peça metálica sem intenção alguma, olhou pela janela e, enfim, foi lá que encontrou a coragem para cavoucar a dura terra sob a qual tinha enterrado essas lembranças.

– Como te disse, nós somos os nossos maiores inimigos. Isso porque, para vencer no outro lado, cada um tem que fazer a sua parte individualmente: ter pensamentos ideais para manipular os objetos e se defender, conseguir mudar a sintonia para energias mais

obscuras quando temos que trabalhar a nosso favor e, o mais difícil, não pensar em nada. É, nesse equilíbrio, o ponto em que erramos.

– Como assim? – interessou-se Zuwi.

– A cúpula de desesperança é uma bolha que infla todo o nosso lado sombrio, por isso desesperança. Para quebrá-la, é simples, basta ter uma boa dose de esperança. Como quando vi meu filho chegar para me resgatar. Isso fez a cúpula estilhaçar!

– Uau!

– Mas, para permanecer livre dos efeitos dela enquanto aguardamos o resgate, não podemos pensar em nada...

– Para não ter o que ela amplificar – completou Zuwi o raciocínio.

– Sim. E foi nisso que meu filho errou. – Nuno deu um suspiro doloroso para vencer a hesitação. – Tínhamos feito tudo certo. Já estávamos em fuga com o abutre-crocodilo. Passamos longe do rio de tubarões-escorpiões. Voávamos bem no alto do escuro negro do céu antes da fronteira. O forte da muralha já era avistado diminuto, quando um beligerante ocluso veio em perseguição. Meu dever era pensar sombriamente para conduzir a ave-réptil, mas meu filho tinha que não pensar em nada para manter o equilíbrio da pilotagem do animal. Senão cairíamos.

– E foi o que aconteceu, não é?

– Isso... Quando Rui viu o inimigo atrás da gente, foi inevitável odiá-lo. Foi quando o nosso bicho fez uma curva para combater o beligerante ocluso. Fiz de tudo para tomar o rumo novamente, contudo o pensamento dele foi maior e... sucumbimos. – Nuno tinha lágrimas nos olhos, o nariz já incomodava e ele começou a fungar. Mesmo assim, ele terminou a história: – Caímos bem na fronteira, perto do forte. Era só correr para o labirinto, mantendo a firmeza mental para permanecer neste lado do plix. Só que Rui não conseguiu aguentar a pequena derrota e foi capturado pelos próprios pensamentos sombrios que emitia.

– Sinto muito! – consolou Zuwi percebendo o impacto causado. Em seguida, propôs-se a mudar os sentimentos instaurados com a explanação: – Seu Nuno, dessa vez vamos conseguir! E trate de mudar o que passa por aí! – ordenou apontando a cabeça do senhor. – Ainda não estou pronto para enfrentar os caras de lá! Se continuar assim, logo vão aparecer por aqui.

Nuno balançou a cabeça concordando e logo secou as lágrimas que teimavam em brotar. Isso um pouco antes de Cao chegar com novidades que incrementariam os planos imaginados até o momento.

Capítulo 7

Capítulo 7

– *É impressionante! Inacreditavelmente, a sua amiga está muito bem! – anunciou Cao festivamente a Zuwi, assim que o encontrou junto com o avô.*

– *Não pode ser! Como assim? – já interferiu Nuno mostrando descrença e estranheza.*

– *Não é que a garota está na cúpula numa boa?! Não tem nenhum traço de que tenha sido corrompida pelos fortes apelos de desesperança! – contou Cao ainda não acreditando no fato inédito. – Ela é muito esperta! Fez direitinho o que Llinky sugeriu. Deve ter percebido a tática da cúpula e deixou de pensar.*

– *Eu falei para vocês! Eu vou conseguir salvá-la! A gente vai conseguir! – comemorou Zuwi vibrando pela sala.*

– *É... Tenho que concordar, as chances estão melhorando – assentiu Nuno perseguindo a ponta do sucesso que começava a surgir. – E Cao, por aqui o dia também foi de muita evolução. Muito além do que poderia supor!*

– *É isso aí! Amanhã, a gente continua o trabalho com mais intensidade. Quero já depois de amanhã ir ao resgate! – disse Zuwi com grande empolgação.*

– *Calma, garoto! – advertiu Nuno dando voz à razão. – Não tenha pressa. É melhor se preparar bem, para evitar erros. Lembre que Anne não sabe de nossos planos, é um ponto fraco na ação. A gente não sabe a reação que ela terá. Precisamos estar preparados para isso também. Como disse, vamos eliminar o nosso maior inimigo: nós mesmos!*

E então o dia seguinte fermentou todo o entusiasmo da dupla que já efervescia com o suposto legado de um resgate como o que estavam tramando. Zuwi era o mais encorajado, um tanto por

desconhecer verdadeiramente os perigos que iria enfrentar e outro tanto por confiar no que podia fazer com suas habilidades. Se havia algo que aprendera com Llinky era que o começo é acreditar: “Ainda chegará um momento no qual terá que acreditar muito mais nas possibilidades e alternativas existentes em Virkadaz do que naquilo que seus olhos veem”; era o que afinal tinha ouvido dele e presenciara na prática.

O treino intenso e o empenho em formular todas as hipóteses sobre o que poderia acontecer levaram Nuno e Zuwi à exaustão. Não era nem meia-tarde quando decretaram descanso. Mas estavam cientes de que a preparação estava praticamente completa. Só faltava uma única coisa: convencer Cao a participar da ação.

– Nem pensar! Já tinha dito que sou contra isso tudo! – firmou novamente Cao com toda determinação.

– Mas você mesmo viu Anne. Sabe que temos chances muito favoráveis no resgate! – lançou Zuwi com diversos argumentos.

– Uma coisa é ficar otimista, outra é participar disso tudo! – retrucou-lhes Cao.

– Vamos, Cao, não tema. Imagino o que se passa aí. – Nuno apontou para o coração de Cao. – Não é a mesma coisa, não vai acontecer novamente. Eu tenho um bom pressentimento.

– Isso mesmo, eu também! E, teoricamente, você só vai fazer o seu trabalho. Como todos os dias faz. É só deixar um dos beligerantes oclusos passar a fronteira para me pegar e, se acaso algo der errado, tentar impedir que ele recapture alguém – contou Zuwi no tom mais casual possível.

– E vocês dizem SÓ?! – indignou-se Cao. – Já disse, não quero ficar com essa culpa se der errado!

Nuno olhou para Zuwi como que pedindo para não prosseguir, deu um tempo para a discussão, sabia que não iria fazer o neto mudar de opinião naquele momento. Mas sabia que, amanhã de manhã antes de iniciarem o plano, podia ter a chance de tê-lo apoiando o estratagema.

Capítulo 8

Capítulo 8

Zuwi fez todo o esforço para dormir. Tinha que estar descansado para obter o melhor desempenho. Fácil não foi pegar no sono, a inquietude e os anseios ficaram como mosquitos no ouvido. Contudo, durante o dia, o treino foi tão intenso que o cansaço o levou ao sono.

Mas foi só a claridade da manhã anunciar sua chegada, que Zuwi despertou. Sentou no colchão, inspirou profundamente e tentou segurar a agitação por ter chegado o momento. Fazia parte do plano manter o equilíbrio para facilitar a alternância de energias. Ainda mais sabendo que foi justamente nisso que Rui tinha errado.

Nuno logo se levantou. Passou por Zuwi sisudo como sempre. Deu um bom dia comum e seguiu para a cozinha como se nada de especial fosse acontecer.

Cao apareceu logo em seguida. Já pronto para ir para a muralha, como fazia rotineiramente. Cumprimentou Zuwi e o convidou para o café que logo enchia a casa toda com aromas.

Estranhamente, um silêncio incômodo também tinha sido convidado para a mesa. Um misto de preocupação, concentração e reprovação. Claro que cada um desses sentimentos pertencia a um dos integrantes: Nuno, Zuwi e Cao, nessa ordem respectiva.

Foi Zuwi o primeiro a quebrá-lo:

– Gente, quero agradecer o apoio de vocês. Me acolheram e estão me ajudando. Quando forem à Index, me procurem, viu?! – concluiu, dando tapinhas nos ombros dos dois, apesar de não estar seguro sobre seu futuro: será que realmente voltaria para a Index?

Nuno estava desconfortável. Parecia que estava sentido a responsabilidade de entregar Zuwi para o outro lado, afinal ele é somente um garoto! Mas agora era tarde demais. Tinha um papel na ação e iria cumprir.

Cao firmou sua posição: discordou totalmente do plano e disse que não iria participar. Mas sabia que tinha que se despedir do novo amigo, mesmo temendo a efemeridade dessa amizade:

– Zuwi, sei que não adianta de nada te pedir para não ir. Então, só te digo: se cuida, vai!? Vou torcer por você, cara! – Finalizou dando um grande aperto de mão.

– Valeu mesmo! – agradeceu novamente Zuwi.

Nuno ainda somente observava todo o desenrolar. Um tanto até perdido no olhar. Terminou a refeição, levantou-se para colocar a louça na pia e só então falou:

– Bem, chegou a hora, garoto! – impondo a voz para dar a falsa sensação de motivação. – Vou pegar a tua mochila para checar os brums-objetos que separamos na estratégia. Depois, seguimos todos juntos para o forte.

Zuwi assentiu com a cabeça e aproveitou para repassar os passos mentalmente.

– Primeiro: penso em algo sombrio para os beligerantes oclusos me capturarem. Segundo: assim que eu chegar lá, tento escapar. Terceiro: uso os brums-objetos para a fuga. Depois, pego a Anne que já deve estar fora da cúpula, pois a terá explodido, eu acho. Então, roubo um abutre-crocodilo e sigo para a fronteira. Lá, Nuno me dará cobertura, eu acho. E a gente fica a salvo, eu acho. – imaginou Zuwi cheio de reticências.

Apesar dessas várias considerações repletas de incertezas, Zuwi tinha que manter o propósito: salvar Anne. Era nisso que tinha que se apegar, na certeza de que faria as coisas acontecerem de verdade. É assim que Virkadaz funciona, acreditando nas alternativas que podem existir.

– Pronto! Vamos? – anunciou Nuno de forma fria e bastante calculada.

Capítulo 9

Capítulo 9

Os três fizeram o caminho penoso até a muralha totalmente absortos em si. A escalada entre as rochas cinzentas, nesse dia, trazia a experiência de ir para o martírio. Apesar de ontem estarem seguros por completo, o efeito da pressão e dos pontos inconsistentes da estratégia influenciavam no medo.

Para Zuwi, o cume parecia ainda mais feio. Os detalhes, ainda menos rebuscados. O impacto do horizonte colérico foi incrivelmente aumentado pela confirmação de que em breve ele estaria lá. Enfim, o medo chegou! Olhar tudo aquilo, fervendo e em ruínas, tirou todo o brio da missão. Não que realmente ela não tivesse mais valor ou não fizesse sentido para Zuwi. Era apenas o medo mexendo com a coragem.

– Então... – murmurou Zuwi para os outros – é a minha vez.

– Só um pouquinho... – disse Cao, mexendo no bolso de sua calça. Tirou de lá um pedaço de papel e ofereceu para Zuwi. – Toma. Se por um acaso você vir alguém com o mesmo colar que o meu... Enfim, se vir meu pai, entrega isso para ele – disse Cao com um grande engasgo na voz. – Não sei se ele vai ter discernimento para entender, mas...

– Pode deixar! – prometeu Zuwi, colocando o bilhete no bolso da própria calça.

– Cao, você não vai mesmo ajudar a gente? – tentou mais uma vez Nuno, acreditando que a emoção pudesse agir a favor.

– Sinto muito, Zuwi, não me entenda mal – disse Cao olhando firmemente nos olhos dele. – Tenho você como amigo de verdade. Até por isso não vou apoiar essa loucura!

– Fique tranquilo. Não fico chateado com isso. Entendo a tua posição – confortou Zuwi sinceramente.

Novamente, Zuwi cumprimentou os dois em agradecimento. Na verdade, parecia mais uma despedida final. Isso deixou Zuwi bastante desconfortável. Esperou Nuno e Cao entrarem compassadamente pelo labirinto e acionou temerosamente o princípio da ação. E agora?

Capítulo 10

Capítulo 10

É impressionante o que o pensamento pode fazer! A amplitude da maior e melhor arma do ser humano pode servir para os dois lados. Foi essa a lição que Zuwi concluiu antes de, efetivamente, ir ao combate. Talvez fosse exatamente esse o ensinamento que Llinky tinha proposto. O domínio do que cada um leva dentro de si é infinitamente mais labiríntico que as lutas que vem do mundo. O grande desafio da tarefa de Zuwi era justamente lutar contra si mesmo!

Os beligerantes oclusos são palpáveis e fazem parte dos obstáculos que Zuwi iria encontrar. Todavia eles são somente o reflexo do perigo que é errar na escolha do que permeia o íntimo de cada um.

Ali, o maior perigo é não ter como enganar a si mesmo. Pensa-se e pronto! O que resta é mudar o pensamento verdadeiramente. Não iria adiantar falar “ok, agora eu não estou mais pensando coisas obscuras” e, ainda assim, pensar.

Chegar a essas conclusões deu a Zuwi uma nova força. Ele sabia que todas as aventuras que vivera na imensidão de Virkadaz eram permeadas pelas escolhas corretas que ele tinha feito até então.

– As alternativas são várias. Eu escolho vencer! – anunciou Zuwi vigorosamente pelo vale para quem conseguisse ouvir. Em seguida, pôs em prática o plano. Concentrou-se nas tristes lembranças de infância. De suas mágoas e incertezas da morte de seu pai. O choro doloroso, a falta de respostas e o vazio de não tê-lo por perto. Ninguém havia entendido o estranho acidente de carro. O mistério brincava injustamente com orgulho que Zuwi tinha do pai. E isso mexia muito com ele. Um misto de revolta e inconformação.

Missão número um, cumprida! Lá vinha um beligerante ocluso em direção de Zuwi pilotando o imenso pássaro de amplas asas penosas, com cara e calda de crocodilo. A boca do animal tinha

dentos imensamente assustadores. Suas garras potentes poderiam dilacerar a vítima facilmente.

Era visível a sede que essas criaturas do lado sombrio tinham daqueles do outro lado. De olhos fundos e arregalados, boca aberta e desumanamente torpe, o beligerante ocluso causava repulsa e, ao mesmo tempo, compaixão. Afinal, era alguém da vila que estava ali.

Os avistadores, incluindo Cao, dispararam diversas armadilhas para tentar impedir a aproximação, como sempre faziam para zelar pela vila. Infelizmente, eles nem tinham o que fazer para obter bons resultados pelo simples fato de que o alvo estava logo ali, bem pertinho da fronteira.

Sem se debater para não se ferir, Zuwi deixou-se aprisionar. Sentiu o solo se distanciando de seus pés e o lado sombrio aparecendo em mais detalhes. Uma algazarra de aves, grunhidos e palavras soltas soava como festejo. As asas rasgavam a espessa nuvem fuliginosa, o odor carregado envolvia as narinas de Zuwi. Iria resistir agora imerso no lodo dos pensamentos sombrios?

Aos poucos, o rio violento com tubarões-escorpiões e outros prováveis moradores inóspitos ficaram na retaguarda. Em contrapartida, o agitado grupo de beligerantes oclusos ia, a cada compasso do voo, se aproximando. Agora já tinham preparado a cúpula de desesperança para prender Zuwi. E, então, lá estava Anne!

A amiga de Zuwi estava acomodada tranquilamente alheia ao que acontecia. Ela mantinha os olhos fechados relaxadamente, procurando não pensar em nada. Foi com essa postura que não tinha sido afetada pelo efeito nocivo do lugar. Assim, nem notou que Zuwi estava vindo em sua direção, prisioneiro como ela.

Zuwi já tinha em mente o próximo passo. Afinal, tinham treinado para isso. Bem devagar, para que não percebessem, em pleno voo, Zuwi pegou uma corda e alguns sacos de estopa. Respirou fundo e se concentrou em mudar imediatamente a energia que fluía em seus pensamentos. Mentalizou a vila e sua plácida beleza. Depois que percebeu a torrente de nova força, olhou para as cordas para iniciar a transformação. E, em seguida, fez o mesmo com os sacos.

Durante as muitas horas de treinos, o resultado atingido foi o esperado. Não tão simples assim e de primeira, mas tinha ao final

adquirido uma maior prática em fazer acontecer. Contudo, diante do pelotão de inimigos, tudo tinha ficado mais moroso.

Estava a poucos metros do chão quando sentiu a corda e o saco se mexerem. Ambos iam ganhando novas formas e moviam-se de forma animada. E, ao experimentar o solavanco do pouso arremessado de chegada, Zuwi tinha nas mãos várias cordas-cobras e uma porção de sacos-sapos.

Uipi-clup, zaz-traz, champ-champ! Seguiu-se uma série de golpes para todos os lados! Zuwi de cara caiu no charco, nos pés dos beligerantes. Mas, com um salto, levantou-se e disparou os objetos transformados neles.

Os sacos-sapos perseguiram saltitantes os monstregos e os ensacavam no amplo papo de saco. Enquanto as cordas-cobras laçavam e apertavam com fortes nós vários grupinhos de beligerantes. Foi bonito de ver!

Diante da balbúrdia, Anne abriu os olhos e avistou uma luta intensa com coisas estranhas de pernas saltitantes e outras rastejantes que acoassavam rapidamente os inimigos. E, em meio a tudo isso, Zuwi corria para junto dela.

O efeito foi imediato. A cúpula se desmantelou na hora que Anne percebeu que Zuwi tinha vindo salvá-la!

– Vamos, Anne! – gritou Zuwi para ela, euforicamente.

– Zuwi... – conseguiu dizer ela antes de ele ser agarrado por um beligerante.

Zuwi se debateu, lutou para se desvencilhar e então tirou da bolsa uma ratoeira que logo, em poucos segundos, cresceu e ganhou pernas. A ratoeira-cachorro abocanhou o beligerante que investia insistentemente contra Zuwi. E, de quebra, botou para correr outros que se aproximavam.

O plano estava seguindo como pretendido por Nuno. Agora Zuwi e Anne deviam ir até a área onde os abutres-crocodilos estavam, para levantar voo dali. Só que...

– Anne, Anne! Fuja! – gritou Zuwi desesperado. – Vão te pegar de novo!

Tarde demais. Anne foi cercada por eles e logo já voltava para a cúpula. E Zuwi, perdido entre defender-se e ainda se aproximar dela para tentar outra retomada, não viu a armadilha que tinham colocado para ele. Ao fim, foi capturado.

Tudo parecia perdido. A mochila com os brums-objetos ficou jogada em meio ao pântano fétido. Os pobres sacos-sapos e as cordas-cobras, aprisionados em gaiolas. Anne estava na cúpula e Zuwi ia de arrasto para lá.

Um grande beligerante ocluso o agarrava pelos braços dolorosamente. As unhas imundas chegavam a penetrar na carne. Já próximo do pátio das cúpulas, Zuwi foi jogado a um outro beligerante ocluso que enfim ia colocá-lo dentro de uma delas.

– O segredo daqui é não pensar em nada, Zuwi! – gritou Anne antes de voltar toda a sua concentração para realizar, dentro da cúpula, a tarefa que acabara de sugerir.

– Não, não, não pode ser! – bradou Zuwi indignado. – Não era para acontecer assim! Droga!

Zuwi era empurrado vigorosamente e, numa dessas investidas, caiu desajeitado em meio à asquerosa relva. Virou-se sentindo os músculos reclamarem e assim permaneceu, mirando o infeliz beligerante que o tinha praticamente sob os pés nojentos. De repente, avistou um brilho quase imperceptível. Algo há muito tempo sem lustro, nem ao menos lembrado: a ave do pensamento presa ao pescoço! Era Rui! Zuwi o tinha encontrado!

Na mesma hora, a esperança fortificou o ânimo e deu uma grande ideia. Zuwi tirou do bolso o bilhete de Cao e entregou para o beligerante ocluso, na verdade, Rui.

– Seu filho Cao. Se lembra dele, Rui!? – foi dizendo no mais alto som. – Ele mandou isso para você! Sente muito a sua falta. Ele quer que volte para a vila. Ajude-nos!

Rui pegou o papel não emitindo expressão alguma e, sem pensar, arremessou-o no chão. Em seguida, juntou Zuwi e colocou-o na cúpula.

Capítulo 11

Capítulo 11

A noite no lado sombrio era muito mais noite. Um completo breu. E infindavelmente mais assustadora. Os uivos, urros e estalos ecoavam por todos os lados. Nisso, era até confortável saber que se estava dentro de uma bolha. Bem isolado disso tudo.

Zuwi imitou Anne na tarefa de manter a mente limpa enquanto acordados. Claro que, em certos momentos, vinha algo nos pensamentos, mas eles sabiam que tinham que abandonar imediatamente, senão...

O grupo de beligerantes, que ainda não tinha dormido, fazia uma baderna do outro lado de uma depressão arenosa. Parecia que havia tochas presas em uma estrutura precária de madeira. Zuwi e Anne não podiam ver além disso, só pedaços da cena entre as frestas de uma enjamburada parede que os isolava do contato.

Zuwi já tinha pegado no sono quando ouviu algo se aproximando. Um arrastar de pés ou algo assim. Não se via nada afinal. E, ainda, Zuwi não podia se concentrar em prestar atenção para não sucumbir às vibrações nocivas. Só concluiu naquele momento que algo se aproximou deles, parou por instantes e foi embora. Só no meio da manhã do dia seguinte, se é que se podia chamar de dia a pálida luz que se infiltrava por lá, é que Zuwi notou a falta do bilhete de Cao caído no chão. Ele tinha desaparecido!

O susto foi imediato. O coração de Zuwi acelerou de verdade. Bateu disparado pela formulação da hipótese. Um sorriso repentinamente encheu o rosto de Zuwi e, então... crack! A cúpula se rompeu!

Zuwi bateu com força no ponto quebrado da bolha. Ela estava frágil, mais fina, quase se desfazendo! Era a esperança! Zuwi acreditou que Rui tinha pegado o bilhete à noite e que agora os ajudaria!

Anne ainda estava refletindo de olhos fechados, nem percebeu o ocorrido! Então, já livre da prisão, Zuwi chacoalhou a cúpula

de Anne. De imediato, a garota abriu os olhos e avistou o amigo liberto e com isso: crack! Crack! Crack! Lá se foi a bolha que a encasulava. Ambos estavam vibrando com a conquista. Agora precisavam dar o fora dali. E rápido! Caminhavam no sentido oposto ao da depressão em que os beligerantes oclusos ficavam. E procuravam onde estaria a mochila de Zuwi com os brums-objetos, para então roubar um abutre-crocodilo.

Mas, de repente, lá estava ele: um beligerante ocluso! E logo tratou de apressar o passo em direção a eles assim que os viu ali. Anne e Zuwi dispararam para fugir dele, contudo o terreno com obstáculos borbulhantes ainda tinha várias áreas encobertas por uma bruma negra, o que os impossibilitava de correr livremente na área totalmente desconhecida. Já para o beligerante ocluso, tudo era familiar, então facilmente cercou novamente Anne e Zuwi na margem do lago de um pegajoso acinzentado.

Só então Zuwi reparou no colar de pássaro!

– Rui!? – disse Zuwi com a incerteza se de fato ele o entenderia. – Você pegou o bilhete de Cao à noite, né? Viu o que seu filho te fez?

Pelo longo tempo exposto a esse lado do plix, rude e selvagem, Rui já não conseguia achar as palavras. Ficaram perdidas em meio à tristeza e à destruição própria. Por isso só conseguiu mostrar o papel e entregar a mochila de Zuwi como forma de confirmação. Foi o bastante para Zuwi compreender o que significava.

– Venha, Anne, temos um amigo agora! – anunciou Zuwi animadamente.

– Como? Como isso... – quis saber Anne.

– Outra hora. Vamos! – disse Zuwi tentando ser prático. – Rui, os abutres-crocodilos.

Rui saiu trotando na frente deles, muito mais ligeiro do que conseguiam acompanhar, acostumado com a paisagem. Então, Zuwi pegou na mochila uma minicadeira talhada em madeira. Parou um instante e concentrou-se no objeto. E, logo em seguida, a

cadeirinha cresceu, cresceu, cresceu até uma altura acima deles. Ganhou flexibilidade nas pernas, levantou-as e relinchou!

Zuwi ajudou Anne a subir na cadeira-cavalo e então ordenou espantosamente que galopasse seguindo Rui. Com suas longas pernas de madeira, passava saltando os lodos e se distanciava cada vez mais do acampamento dos beligerantes oclusos.

Só então, o inimigo percebeu a fuga deles! Um bando nervoso de beligerantes saltou por cima do rochedo áspero e avançou em um ritmo eloquente. O frisson nebuloso da nova escapada dos prisioneiros deixou o grupo todo enfurecido.

Pior ainda, quando notaram que havia um deles ajudando os fugitivos! Avançaram como uma manada desgarrada em pânico.

Rui chegou a uma área mais plana, com poucas plantas e podridão, onde tinha deixado um abutre-crocodilo aguardando. Esse, na verdade, era o seu animal. Então, sinalizou para que Anne e Zuwi descessem da cadeira-cavalo e montassem na ave depressa. Eles olharam por cima dos ombros e encontraram todos os beligerantes oclusos correndo para aquela direção!

– Venha, Rui! Suba! – chamou Anne com urgência.

Rui abanou em negativa, bateu os pés no chão e mandou-os seguir.

Zuwi tinha que mudar imediatamente sua vibração de pensamento e avisou Anne:

– Por favor, não pense em nada até estarmos a salvo, ok?

– Mas e o Rui, ele não vem? – perguntou Anne aflita.

– Não tem como, esse bicho não aguenta três! – declarou pensosamente Zuwi.

Então, pôs toda a sua consciência nos mais sombrios pensamentos: guerra, ódio, raiva, egoísmo, vingança... Depois ordenou ao abutre-crocodilo que levantasse voo. O animal balançou as asas desengonçadas até ganhar velocidade e, enfim, estavam no ar.

Zuwi nem quis olhar para baixo para ver o triste aceno de Rui. Quem sabe ele ainda tivesse uma chance se achasse outro meio de voar de lá? A questão que mais importava era chegar logo na muralha e entrar no labirinto. Lá, Nuno os ajudaria.

Mas não teve nem tempo de relaxar! Logo apareceu um perseguidor indesejado! Dessa vez, a revolta sentida por Zuwi deu mais potência nas manobras, enquanto Anne fazia sua parte. E o beligerante ficou para trás.

E, então, de repente:

– O que é isso? Um ataque por frente? Como? – inquietou-se Zuwi, totalmente surpreso de ver algo se aproximando diretamente contra eles. O que era um pequeno ponto à frente foi aumentando rapidamente até Zuwi conseguir detalhar o que realmente era:

– Nuno? – perguntou-se descrente em ver o idoso montado em uma grande águia-enguia-elétrica.

– Ahhaha! Agora temos uma equipe de resgate desse lado, garoto! – vibrou o velho agitando a mão. – Movido à amizade! Descobri que a amizade é o combustível que precisávamos para enfrentar o obscuro!

– Nunoooo! Voe nessa direção, Rui está em perigo! – gritou apontando onde tinha deixado Rui, ainda buscando não variar os sentimentos.

Zuwi até perdeu um pouco a concentração, o que fez sua pilotagem se transformar em uma queda livre. Buscou novamente elementos obscuros e fomentou os pensamentos baixos. Ufa! Voltou ao rumo. E, então, pôde ver Nuno seguindo em direção ao lado obscuro e fazendo os beligerantes oclusos ficarem bem doidos com os muitos brums-objetos que tinha preparado. Nuno os tinha salvado!

Enfim, já avistavam o lado reto da montanha que demarcava a fronteira. Calmamente, Zuwi deu um rodopio mais alto, com medo de sofrerem um ataque de “fogo amigo”. Tudo estava tranquilo no forte. Zuwi ficou aguardando o sinal combinado com Nuno, mas obviamente ele não estava lá para fazê-lo.

– E agora? – questionou-se com dúvida sobre como prosseguir.

Realizou mais um sobrevoo, temeroso em seguir para baixo. E, então, lá estava! Uma lanterna-beija-flor com asinhas rápidas sinalizando para eles. De imediato, Zuwi ordenou a descida.

Pousou suavemente, vendo Cao o aguardando na porta do labirinto.

– Cao! – gritou Zuwi eufórico.

– Zuwi! Você não sabe como estou feliz em te ver! – acenando intensamente para eles entrarem.

– Você que mandou a lanterna-beija-flor para nós! O que te fez mudar de ideia!? – precipitou-se Zuwi a perguntar.

– Meu avô me mostrou o quanto uma amizade é valiosa. É só ver a de vocês dois! – disse Cao, apontando para Zuwi e Anne. – E por falar nele...

Um vento diferente mexeu os cabelos de Anne. Eles olharam para trás e viram as penas da águia-enguia-elétrica se aquietarem no pouso. Nas costas dela, Nuno e...

– Pai! – berrou Cao ao ver Rui junto de Nuno.

– Calma, Cao. Ele ainda não faz parte totalmente do nosso mundo. Vai levar um tempo, mas logo você terá seu pai de volta – anunciou Nuno com um belo sorriso de satisfação e segurando as mãos do filho e do neto.

– Daí, vocês visitam a gente na Index, combinado? – sorriu Zuwi, encarando Anne para que confirmasse o convite.

Os cinco se abraçaram e percorreram a trama do labirinto da muralha comemorando o primeiro de muitos resgates do lado obscuro. E estavam certos de que, além daquele caminho descoberto, sabiam mais do que qualquer um a passagem para a verdadeira amizade eterna.

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas Optima e Special Elite.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

